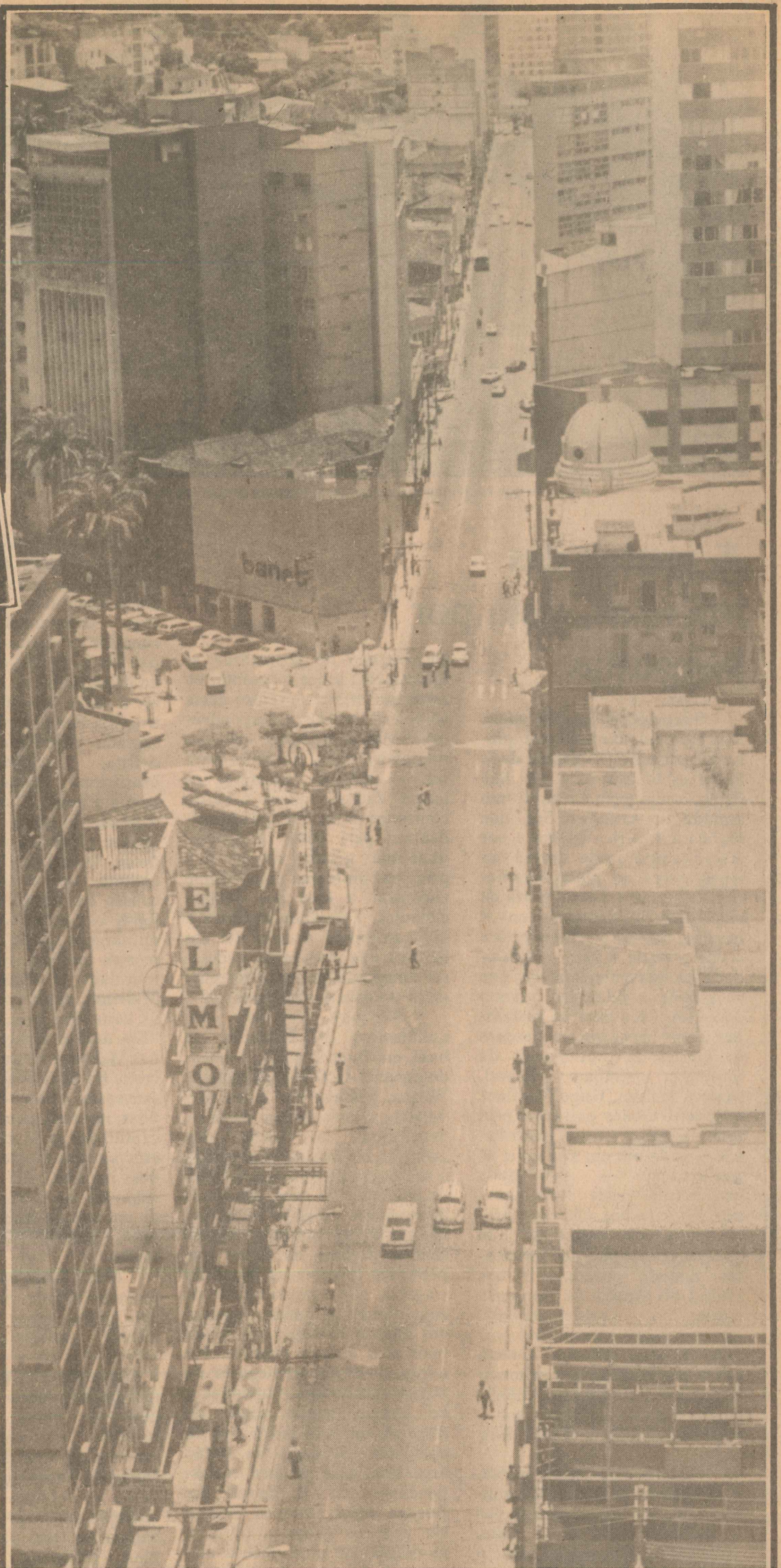


O mercado da Capixaba como alternativa para o teatro popular

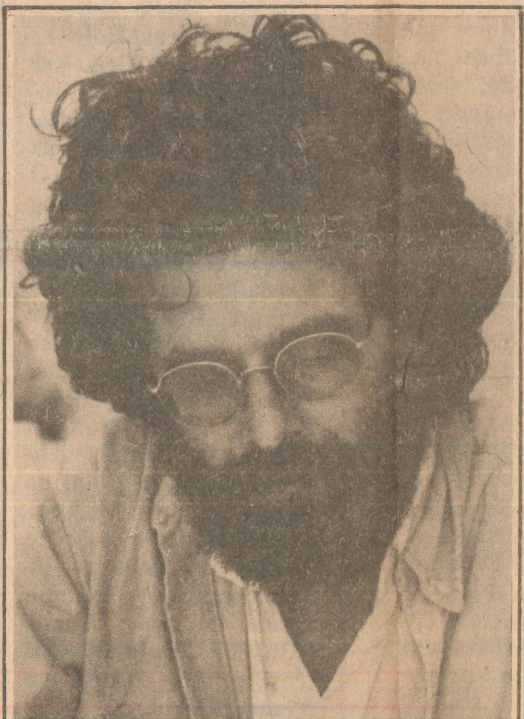
A20216



# Uma proposta para transformar a avenida Jerônimo Monteiro em corredor cultural

Nilo De Mingo

ruas do centro sem ter o que fazer. Preocupado com isso, o arquiteto Kléber Frizera já tem uma proposta: é a transformação da avenida Jerônimo Monteiro no corredor cultural da cidade, graças à entrada em funcionamento da Casa da Cultura, da remodelação do antigo mercado da Capixaba, transformado em teatro popular, e da reutilização do antigo prédio da Fafi, que ofereceria cursos, palestras e conferências à comunidade.



A ausência completa de locais que aglutinem pessoas no centro urbano de Vitória faz com que a cidade se esvaziasse por completo, principalmente entre 19 e 24 horas. Durante o dia, notadamente entre 11h30m e 13 horas, as pessoas ficam andando pelas

**N**os grandes centros urbanos do País a área central da cidade foi sempre o ponto de encontro dos mais diversos de o centro voltar a ter o papel que sempre teve. "Com tais locais culturais funcionando e com uma programação planejada, poderíamos dar à população que vi-

A ausência completa de locais que aglutinem pessoas no centro urbano de Vitória faz com que a cidade se esvaziasse por completo, principalmente entre 19 e 24 horas. Durante o dia, notadamente entre 11h30m e 13 horas, as pessoas ficam andando pelas

ruas do centro sem ter o que fazer. Preocupado com isso, o arquiteto Kléber Frizera já tem uma proposta: é a transformação da avenida Jerônimo Monteiro no corredor cultural da cidade, graças à entrada em funcionamento da Casa da Cultura, da remodelação do antigo mercado da Capixaba, transformado em teatro popular, e da reutilização do antigo prédio da Fafi, que ofereceria cursos, palestras e conferências à comunidade.

**N**os grandes centros urbanos do País a área central da cidade foi sempre o ponto de encontro dos mais diversos segmentos sociais da cidade. Ali funcionam bares, cinemas, teatros, bibliotecas, restaurantes e outros locais que servem como pontos de aglutinação dessas pessoas. Em Vitória a situação vem sendo ao longo dos últimos anos modificada em sentido inverso. Os cinemas foram sendo fechados, a programação cultural sensivelmente diminuída, os bares e restaurantes relaxando no atendimento e perdendo a freqüência e os teatros sem programação que ocupe as horas vagas das pessoas que trabalham e/ou residem no centro da cidade.

O reflexo direto disso pode ser observado com a inchação no período noturno que é verificado sobretudo em Camburi, Jardim da Penha e Praia da Costa. Mesmo com poucos atrativos, o centro ainda conseguia prender moradores desses bairros por mais algumas horas após o trabalho na área central da cidade. De dois anos para cá a situação se modificou por completo. Hoje as pessoas saem do trabalho e correm para seus bairros, onde têm novos pontos de encontro.

Issô, segundo o arquiteto Kleber Frizera, fez com que os mais diversos segmentos e classes sociais deixassem de se encontrar e terem nesses contatos, por mais rápidos que fossem, uma noção das suas contradições. "Hoje o centro de Vitória está em franco processo de deteriorização. Deixou de ser o palco da centralidade urbana, um local onde as contradições das classes sociais ficam bem claras. É ali que se encontram o médico, o jornalista, o mecânico, o advogado, o operário, o bancário, o engenheiro, enfim, os mais variados segmentos da sociedade".

Kleber Frizera, por estar atuando nos projetos da Casa da Cultura, do Mercado da Capixaba e nas discussões acerca da reutilização do antigo prédio da Fafi, vislumbrou a possibilidade

de o centro voltar a ter o papel que sempre teve. "Com tais locais culturais funcionando e com uma programação planejada, poderíamos dar à população que vive o dia-a-dia do centro, opções para as suas horas de folga", diz o arquiteto.

E não é difícil entender o raciocínio de Frizera. Basta uma observada rápida na praça Costa Pereira entre 11h30 e 13 horas. São centenas de pessoas que saem do seu trabalho para um rápido almoço no centro e que dispõem de algum tempo livre. Sem nada para fazer, elas perambulam pelas ruas e basta alguém esticar uma corda entre uma árvore e outra na Costa Pereira para a multidão se aglomerar para ver o equilibrista na corda. Isso demonstra que se a Casa da Cultura, quando em funcionamento, exibisse um filme entre 12 e 13 horas, teria público. Se houvesse uma palestra na Fafi, também haveria público. Se houvesse uma peça popular no teatro do Mercado a situação também seria igual. Basta que haja uma atividade ou programação. O arquiteto concorda com isso e vai mais adiante: ele acha que é preciso "revitalizar o centro da cidade". "É necessário que se dê incentivos para a construção de restaurantes, bares, pequenos cinemas, teatros, enfim, locais de concentração popular. O PDU deve sugerir o alargamento das calçadas. Existem transversais da Jerônimo Monteiro sem qualquer finalidade para o trânsito que muito bem poderia ser fechada e transformadas em calçadas, como na rua Sete de Setembro".

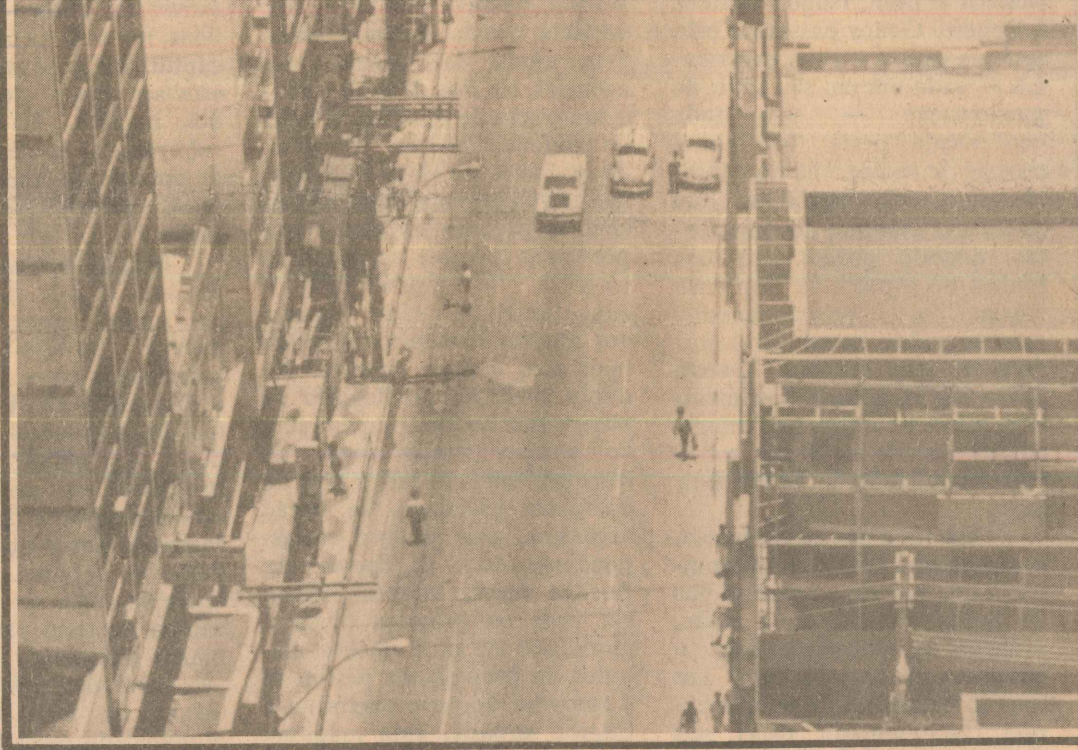
Para exemplificar que a sua proposta está correta, Kleber Frizera cita o exemplo do **Chopão**, próximo à Mesbla, as Lojas Americanas e edifícios comerciais, na Esplanada Capixaba. "Aquilo ali se transformou em ponto de encontro de pessoas que saem dos escritórios, que vão fazer compras, que participam de alguma reunião na Casa da Cultura, que também fica próximo dali. Isso demonstra que se algum empresário da cons-



Kléber propõe a revitalização do centro

trução civil fizer um prédio na Jerônimo Monteiro e deixar uma parte da obra destinada a algum bar, teatro, cinema ou restaurante, será bem sucedido. É claro que ele deve ter algum tipo de incentivo fiscal para isso".

Mas o centro aglutinador disso tudo seriam a Casa da Cultura, o Teatro do Mercado e a Fafi, além dos já em funcionamento, teatro Carlos Gomes, cine Glória e cine Paz. "Eu imagino a Fafi como sendo um local com cursos não regulares, conferências, palestras, onde a Universidade colocasse à disposição da comunidade todos os seus conhecimentos. O Teatro do Mercado da Capixaba seria um local destinado a manifestações teatrais de caráter nitidamente popular. E a Casa da Cultura um local para os mais variados grupos de atividades artísticas culturais fazerem os seus experimentos. Seria também um ponto de encontro, e, nesse sentido, já consegui incluir no seu projeto a colocação de um bar, que ocuparia, inclusive aquele calçadão que existe em frente ao local", afirma Kleber Frizera. Para o arquiteto, não basta somente isso. É necessário, segundo seu entendimento, que haja também a participação da Prefeitura de Vitória, do Departamento Estadual de Cultura e da Universidade Federal do Espírito Santo na elaboração da programação cultural para esses locais. "Esses órgãos elaborariam uma programação comum, possível de revitalizar o centro de Vitória, dando condições de vida melhor para aqueles que usam o centro da cidade como local de trabalho e também para aqueles que ali residem".



Avenida Jerônimo Monteiro

Kleber Frizera insiste na programação cultural variada dizendo que há público. "As pessoas, em certas horas do dia, ficam à toa pela cidade. Há, portanto, público. O que é necessário é uma programação variada e em horários acessíveis para esse público. Na proposta que o Instituto dos Arquitetos do Brasil, seção do Espírito Santo, enviou ao futuro governador Gerson Camata, essa preocupação foi colocada, pois entendemos que é preciso interferir no centro urbano de Vitória, voltando a lhe dar suas reais características".

Voltando à atual situação do centro de Vitória, Kleber Frizera afirma que não há mais pólos aglutinadores. "Veja o Britz, por exemplo. Há muitos anos ele sempre foi o ponto de encontro dos mais variados segmentos sociais da cidade. Hoje não é mais. Deixou de ser o pólo aglutinador. As pessoas não vão mais para o Britz. Vão para Jardim da Penha, para a Praia da Costa, para a Praia do Canto, pois não há mais nada para se fazer no centro de Vitória".

Citando o Rio de Janeiro como exemplo, o arquiteto diz

Casa da Cultura: local para grupos experimentais



que a Cinelândia voltou a ser pólo aglutinador devido às mais diversas atividades que para aquele local são programadas. "Ali há o Baile da Cidade, as escadarias da Câmara Municipal servem para grupos de minorias fazerem o seu protesto, seus discursos. Serve para artistas populares exporem seus trabalhos. Hoje a Cinelândia voltou a ter vida 24 horas por dia. E no caso de Vitória, não seriam necessários grandes investimentos. Temos artistas, músicos, atores e outros personagens da vida cultural que poderiam ser encaixados nessa programação. Com isso estaríamos valorizando a produção local e dando lazer, diversão e atividades à população. Eu, particularmente, acho que a programação deveria dar mais prioridade para o período diurno, quando é maior o número de pessoas no centro, embora não se possa esquecer da atividade noturna".

Especificando os papéis da Prefeitura, do DEC e da Ufes, o arquiteto apontou o que cada um faria. "A Prefeitura de Vitória teria como papel principal a intervenção, através de legislação adequada, que propiciaria a modificação do atual centro da cida-

de, impedindo que ele se transforme exclusivamente num centro bancário, o que, aliás, já está acontecendo. Acho que Berredo de Menezes deve estar alerta para o risco disso e para a importância da revitalização do centro de Vitória. Ao Departamento Estadual de Cultura competiria elaborar a programação artística e cultural, principalmente para o Teatro da Capixaba. Uma programação que envolvesse apresentação de músicos, peças teatrais, filmes de curta metragem. E à Universidade Federal do Espírito Santo caberia o papel de programar cursos, palestras e conferências sobre os mais variados temas. Para isso usaria todo o seu potencial de conhecimento. Seria uma forma de a população, de um modo geral, ter acesso a tais conhecimentos. Veja, portanto, que os recursos viriam de vários setores, não sobrecarregando um único setor".

Uma coisa que Kleber Frizera faz questão de ressaltar — e de forma até veemente — é que tudo isso não tem nada a ver com turismo. "Veja bem: a proposta visa beneficiar a população que aqui vive, que aqui trabalha. Obviamente que os turistas que estiverem na cidade poderão e deverão usufruir dessa programação. Mas ela não deve ser exclusivamente voltada ou conduzida para o turista ou para o turista de um modo geral. A idéia básica é fazer da avenida Jerônimo Monteiro o centro, o corredor cultural da cidade de Vitória, que é o centro nervoso de toda a região da Grande Vitória e para onde convergem diariamente milhares de pessoas", argumenta o arquiteto.